

16-08-2021

O ARCO DA ÍRIS

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Ando enfeitado pela magia das palavras. A palavra pensa a palavra. O humano fala de si e do outro na teia de desejo e memória da linguagem. Há peso no que se diz, há espinhos no que se ouve. A profana pescaria escriturística é uma trança pertinente. Os bons pescadores afirmam que ela é uma construção séria. Os mais sisudos cravam leis universais para o seu surgimento, prendem-na numa estrutura organizacional. Estruturas tão estruturais que se endureceram em estruturalismo. Esses pescadores jogam redes ou tarrafas e pescam a linguagem em classes, porções e taxonomias. Pescam com fome de estômago.

Prefiro os poetas: eles cuidam de cada palavra como um ente próprio, universal e único. O infinito de imagens gerado por uma combinação única de sentidos e sentimentos. Os poetas não pescam com redes, buscam cuidadosamente cada ser na opacidade refletida que é o universo rio. Têm fome de peixe mítico, sentem a fome na alma. Essa boa gente pesca sentido no rio de signos, um caudaloso rio que carrega o fluxo da vida. Olhar é invadir o mundo com a linguagem; um exercício da consciência.

Os signos agem como peixes, eles nos ligam ao rio-mundo. Nesse ínterim, o pescador busca o céu com os olhos, pesca com o arco da íris. A simplicidade de vara, anzol e linha é enriquecida pela imaginação - viva o realismo mágico.

De tanto olhar para a água, o poeta vê o céu e as nuvens passarem na ponta do seu nariz. O tempo eterno do cosmo escorre no fluxo leitoso da vida. O anzol, que caiu na água, afoga-se de tanto procurar as estrelas. Em semelhança de sentido, a palavra escrita foi presa na folha de papel com fome de liberdade. Ele, o anzol, realmente achou que tinha chegado ao céu, mas era apenas reflexo, miragem e devaneio. Caiu na água como se tivesse rasgado o véu da verdade. O anzol-caneta é um instrumento pertinente: uma liga metálica em que a ponta afiada não está no mesmo prumo da argola, a que damos o nó da linha.

Essa assimetria concede eficiência ao singelo invento.

Antes do anzol cair na água, a linha da imaginação leva-o ao céu. Ele tenta fisgar estrelas, mas suicida-se afogado no ofício da escrita. O anzol aventureiro, agora, é um diplomata da função de pescar. Afundar-se de mundo, mergulhar-se de gente são alguns caminhos necessários para a natação da nossa existência. O texto é escrito e lido pelos olhares caleidoscópicos do tempo-espaço.

Palavra-pedra, de João de Cabral de Mello Neto, é uma chumbada barata que afunda o anzol no rio-universo que é o ser. Elas, as palavras, podem ser miúdas ou graúdas: o valor não está no tamanho do significante, mas no peso do significado. A constituição da linguagem é uma teia que arvorece entre nós e o mundo outro. Somos feitos de palavras, pausa, pontos e silêncio. Invadimos o outro com os nossos sons. Saímos e repousamos no ninho alheio.

A emoção e a surpresa roubam os lúcidos vocábulos, gaguejamos com as surpresas e peças pregadas pelo mundo-outro. De repente, você escuta: “Te amo, com a força do meu olhar, não se controla o que é lançado ao mundo”. Solte essa pequena frase ficará presa nas retinas dos seus amores: te devolverão o sentimento com a palavra sorriso. Palavra boa vem com beijo na boca, com abraço amigo, com choro declamado e lágrima escapulida.

A dor da notícia apresenta-se antes do som.

A boca, que oferece aos ouvidos alheios a tristeza, treme e sente a dor no paladar. A mãe escuta que a filha não...

A dor impede que frase seja completada.

A morte apresentou-se antes de ser anunciada com todas as letras. Com uma ligação na madrugada, os hospitais avisam que o ente querido partiu, o anúncio silencioso sussurra: Luciano, o senhor poderia trazer os documentos do senhor Antônio Eustáquio de Moreira?! Ela, a morte, palavra solitária, é genérica, mas dita com sujeito na frase, com sujeito-gente, ela dilacera em silêncio e grito.

Os políticos são experts no discurso ensaboado, verbos escorregam no universo da ausência de léxico.

Palavras que não grudam soltas por bocas que não sentem a dor dos meninos que têm fome. No entanto, outros personagens políticos assumem uma nova cátedra linguística: os xucros da palavra. Eles usam a expressão mais humana como sinônimo de coice equino. Esmurram com os verbos, batem com perversos predicados, espancam com um sarcasmo necrótico. Presidentes do reino da linguagem maldita, chefes de gabinetes paralelos e odiosos, líderes das palavras *fakes*. Para essa estirpe, a palavra é diariamente maltratada, surrada com dissimulações sádicas. Frases com duplo sentido dizem o que eles são.

Eles, gente raivosa, vociferam cânticos de morte e de extermínio. As palavras, por essa gente, são maltratadas como os índios nas fronteiras agrícolas e pretos pobres nas favelas. Elas saem apanhadas e carregadas de ódio.

Não existe poesia na desfaçatez discursiva dessa gente.

As mãos desses facínoras estão calejadas de morte genérica e de morte-sujeito. Eles jamais entregarão ao outro a flor da revolução. Ela pertence a nós, os bailarinos da palavra amiga.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.